



REVOREDO, Luiza. O processo de supervisão: a construção conjunta da função psicoterapeuta. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

## **O PROCESSO DE SUPERVISÃO: A CONSTRUÇÃO CONJUNTA DA FUNÇÃO PSICOTERAPEUTA**

**Luiza Revoredo**

### **Resumo**

Encontro e interlocução é o que define o lugar ofertado pela supervisão, mas ao tornar-se uma prática obrigatória na formação do psicoterapeuta trouxe o paradoxo suporte e controle. Este texto é uma reflexão sobre a especificidade da supervisão, como parte no tripé básico da formação do psicoterapeuta corporal: psicoterapia – aulas teórico-técnicas - supervisão, tendo como fundamentos a análise da forma, os conceitos de auto-regulação, potência orgástica, caráter e caracterologia.

**Palavras-chave:** Formação; Psicoterapia Corporal; Supervisão

---

Considero fundamental reservar espaços nos encontros da comunidade, definida amplamente como corporalista, para refletirmos sobre questões ligadas à formação de psicoterapeutas corporais, visando desenvolver uma prática coerente aos princípios teóricos nas funções psicoterapeuta, professor e supervisor.

Este texto é baseado no meu trânsito por diferentes grupos e instituições reichianas e neo-reichianas de especialização e da minha experiência como psicoterapeuta, professora e supervisora. Abordo aqui especificamente a prática das supervisões, atividade que historicamente passou do que poderíamos definir como uma demanda “natural” a uma atividade obrigatória nas instituições de ensino, portanto criada.

Historicamente, no início do século passado encontramos as primeiras referências do que poderíamos chamar encontros para supervisão, aquelas quartas feiras onde membros do círculo psicanalítico de Viena se reuniam na sala de Freud. No relato do Pequeno Hans, em 1909, temos um tratamento orientado, Freud trabalhava o garoto através do pai, um psicanalista em formação. Naquele momento tornar-se psicanalista era decorrência do desejo e da própria análise e o analista era o mentor do seu paciente-analista e parte do mesmo grupo social.

Com o aumento dos interessados em tornarem-se psicanalistas, os grupos de Zurique, Budapeste e Berlim começaram a introduzir mudanças na formação do psicanalista. Max Eitingon, o primeiro presidente do Instituto Psicanalítico de Berlim,



REVOREDO, Luiza. O processo de supervisão: a construção conjunta da função psicoterapeuta. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

instituiu o controle como forma de fiscalizar os candidatos a psicanalistas e em Budapeste, Ferenczi e Otto Rank, em 1924, estabeleceram a análise de controle, cujo objetivo era a interrogação de si em relação ao seu trabalho, ou seja, a reflexão sobre os atendimentos se dava no contexto da análise pessoal. É o método húngaro que estabelece aquela observação, tão usada pelos psicoterapeutas, que um paciente não chega aonde seu analista não chegou.

Entre 1935 e 37 estas propostas foram discutidas e apareceram duas vertentes: uma defendia dois analistas no processo para não concentrar tanto poder numa só figura, no caso a do analista, e a outra afirmava que o envolvimento de dois analistas favoreceria a resistência do paciente-analista. Ambos concordavam, no entanto, que a supervisão só tocava a superfície do problema.

Temos aqui uma definição do lugar central da própria análise na formação do psicoterapeuta, inclusive porque é na própria análise que se dá a auto-seleção para ocupar o lugar de psicoterapeuta. Mas temos também aqui o convite para definir qual lugar uma supervisão ocupa e o que é o território de cada uma destas atividades.

A supervisão surge como um terceiro em relação à psicoterapia com seu paciente e em relação à sua própria psicoterapia, permitindo uma reflexão sobre esta, portanto pode servir ao sistema defensivo do psicoterapeuta-paciente. Na psicoterapia é o sujeito que também é psicoterapeuta que está em questão, para qualquer tema apresentado e na supervisão é a ocupação do lugar que está sendo elaborado, o desenvolvimento das singularidades do profissional em sua atividade clínica. O enquadre da psicoterapia é um e o da supervisão é outro e, como diz Gilberto Safra (2004) “a meta do contrato define a ética do encontro”.

Hoje, criada, obrigatória ou não, existe uma demanda de supervisão e o problema gira em torno do controle, como o próprio nome da atividade na França sugere. Segundo Valabrega (1992) “há algo inconfessável ou ao menos difícil de se confessar na situação de supervisão e nas instituições em geral que é a prática do controle que acaba por se dar e que ocorre nas relações onde há uma hierarquia, seja ela autoritária ou sedutora”. Isto é exatamente o oposto da abordagem reichiana, pela produção de alienação e a captura nos jogos de poder. Stein (1988) também questiona a simples continuidade desta prática sem discussão, pois uma vez instituída como obrigatória nas instituições de ensino, confirma aos supervisores seu estatuto de avalistas de uma certa ordem social.



REVOREDO, Luiza. O processo de supervisão: a construção conjunta da função psicoterapeuta. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

O objetivo de uma formação é o reconhecimento do indivíduo que se apropria de um conhecimento e o modifica a partir da sua singularidade, além de incentivar a aprendizagem contínua e o encontro de pares para identificações. Sabemos que uma formação não se restringe aos limites institucionais, é processo, percurso, projeto para a vida. É função do educador, segundo Reich (1987), sistematicamente sentir as qualidades de vida em cada indivíduo, reconhecê-las nas suas especificidades e promover condições para que este indivíduo possa desenvolver todo seu potencial. O grande desafio das instituições de ensino e, no caso específico, das supervisões, é fazer parte do tripé básico da formação: psicoterapia – aulas teórico-técnicas – supervisão, sem constituir-se em mais um instrumento de controle, regulador no sentido alienante e só assim cumprir sua tarefa. Uma chave encontra-se no potencial de auto-regulação dos indivíduos e em uma postura que favoreça tal desenvolvimento.

Uma primeira tarefa do supervisor é analisar a demanda de supervisão, quem é este psicoterapeuta, como está chegando, sua história profissional, pertinência ou não institucional, suas referências teórico e técnicas, o que está buscando, que fantasias e dados tem daquele supervisor e motivação para a tarefa. Ao supervisor cabe nesta análise reconhecer que há risco e ousadia no supervisionado nesta busca e observar que ele vai organizar o tempo, o lugar e a relação oferecida pelo supervisor segundo seu “jeitão” (caráter). Precisa também refletir sobre sua própria estrutura em contato com aquele indivíduo, para juntos construírem um caminho, avaliando possibilidades e limites desta relação e assumir o processo, ou encaminhar para outro profissional ou atividade. (Safra, 2004)

Alguns autores sugerem que a criação das supervisões se apóia na fantasia de onipotência e perfeição, atribuindo ao supervisor o poder de propiciar um saber que evitará o fracasso. Aqui se evidencia uma dinâmica que poderá ficar atrelada ao narcisismo de ambos, com jogos sedutores para auto-engrandecimento mútuo, por isso é importante relembrarmos que para nós, reichianos, narcisismo é perda de contato com o corpo, perda da empatia e compaixão, características fundamentais a um humano psicoterapeuta. O compromisso do supervisor é com o desenvolvimento, que não tolera estruturas fixadas, pois é fluxo e pulsação, daí o trabalho bastante atento com esta pessoa que ali chega, promovendo seu auto-conhecimento, sustentação no lugar e condições para exercer uma prática criativa.



REVOREDO, Luiza. O processo de supervisão: a construção conjunta da função psicoterapeuta. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Uma questão já levantada, diz respeito ao acúmulo das funções psicoterapeuta e supervisor em relação a um mesmo indivíduo, pelos riscos de aprisionamento nos jogos de poder e sobrecargas transferenciais. Além disso, sabemos que diferentes pessoas permitem identificações outras, conflitos, questionamentos e favorecem desidentificações e assumir a própria diferença, seu estilo singular. Para ser precisa, reichianamente falando, reproduzo a psicanalista Zaltzman (1992): “Mais do que encontrar um estilo, a supervisão ajuda a desembaraçar-se de um estilo crônico ou um estilo que se queira adquirir”. Isto serve para a dupla supervisionando e supervisor, porque é na vivência diária de qualquer papel ou função que exercemos nossa capacidade de pulsar.

Outra questão importante diz respeito à avaliação, especialmente quando ocorre no contexto institucional, que pode convidar equivocadamente o supervisor a ser um julgador de competências. Quando defino supervisão como construção conjunta da função psicoterapeuta, este é dos momentos onde exercer a parceria é fundamental, através da consciência de quando o supervisionando está se sentindo apto a realizar o exame para obter o título de especialista, sabendo que este exame é só um marco num percurso interminável que o ser psicoterapeuta exige.

Venho descrevendo circunstâncias em que vários elementos vão se apresentando neste campo, a rede onde a supervisão ocorre, com sua natureza de conflito e transformação, que exige também um olhar atento, pois pode se tornar palco para atuações daquilo que reconhecemos como elementos pestilentos presentes em qualquer instituição. Temos a dupla supervisionando-supervisor, as instituições a que eles pertencem, o psicoterapeuta do supervisionando, o do supervisor, os grupos de referência de cada um, cidade, país, etc... A título de exemplo farei foco exclusivamente num dos triângulos básicos neste processo, supervisionando-supervisor-psicoterapeuta do supervisionando. Imaginemos a relação entre este supervisor e o psicoterapeuta do supervisionando no que diz respeito a afinidades e discordâncias quanto ao setting e manejo, à postura, referências teórico-técnicas, além de afetos e desafetos entre si que podem colocar o supervisionando em um lugar confortável até demais, que pode fortalecer aspectos caracterológicos, ou em um lugar difícil o bastante pela atuação de conflitos da dupla.

A atmosfera a ser construída numa supervisão individual ou em grupo é a que permita ao supervisionando trazer o melhor e o pior de si, para que um questionamento



REVOREDO, Luiza. O processo de supervisão: a construção conjunta da função psicoterapeuta. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

aberto possa ocorrer, usufruindo do prazer que reside na atitude de questionar e lembrando que clínica é uma situação de perguntas, neste sentido desalienante. Nossa ética é de buscas, não de certezas. Numa supervisão trabalhamos com questões que extrapolam um caso, problemas pertinentes à função psicoterapeuta, como perfil da sua clínica, suas angustias específicas, questões do setting e manejo, questões da técnica, cuidados com sua própria energia no cotidiano do trabalho, reconhecimento de novas formas de adoecimento no mundo contemporâneo, ou seja, um espaço privilegiado de interlocução e também de estudo.

O caso escolhido para ser supervisionado, o é por duas razões básicas: ou está num momento de estase ou o supervisionando traz o caso para compartilhar um momento de fluxo. Cabe ao supervisor identificar como está a curva orgástica do paciente (4 tempos: tensão-carga-descarga-relaxamento), a relação com sua estrutura caracterológica e com a do psicoterapeuta, a curva daquele processo terapêutico e a partir daí refletir e interferir junto com o psicoterapeuta-supervisionando. Sabemos que não basta identificar o que trabalhar, mas como, pois cada estrutura se abre ou se fecha frente ao outro organismo.

A reflexão que proponho é baseada na comunicação que também se dá através de uma onda energética que vai do centro para a periferia e vice-versa e assim quando encontra um bloqueio, a couraça, provoca distorção e ocorre um ruído na comunicação, uma tensão na relação que pode buscar um fluxo ou estruturar ainda mais uma defesa. Ou seja, refletir como os organismos envolvidos nesta relação se expressam, entram em contato e se influenciam nos seus campos, pois cada indivíduo tem uma expressão e cada curva merece ou sugere uma aproximação, sustentando o olhar para as estruturas de defesa nas suas funções patológicas e criativas.

A postura que sugiro ao supervisor, vale na relação psicoterapeuta-paciente e psicoterapeuta-supervisionando e supervisor, por isso a necessidade do trabalho pessoal contínuo do supervisor para exercer sua pulsação. Reich (1987) dizia que um educador precisa ter cuidados com a própria saúde e crença no potencial de auto-regulação. Se o supervisor ficar preso ao seu caráter, onera a situação ou no mínimo não a trabalha, deixando de cumprir sua função. É imperioso lidar com a própria contratransferência ao caso e ao supervisionando. Enfim, importa observar a construção da curva a cada sessão de supervisão e ao longo do processo, como uma dança dos organismos presentes neste



REVOREDO, Luiza. O processo de supervisão: a construção conjunta da função psicoterapeuta. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

campo, definindo cada encontro como único e neste sentido resistindo a qualquer saber imposto.

Trabalhar neste processo numa construção conjunta é estar presente para que o outro possa construir-se, é potencializá-lo a desconstruir continuamente seus padrões, os de seus pacientes, numa constante reflexão que produz novas construções e que leva seus efeitos para além dos três indivíduos que constituem o triângulo básico desta situação, chega ao grupo, à própria Instituição e à comunidade.

Uma supervisão baseada na auto-regulação leva ao desenvolvimento de um trabalho significativo, pois o afrouxamento da couraça libera a competência espontânea para a expressão do ser, sendo o trabalho uma destas expressões quando reflete a própria autoria e autoridade favorecendo a Vida.

---

## Referências

BAND, A. Supervisão: a permanente fugacidade do sentido buscado. In: **Boletim de Novidades**. São Paulo: Livraria Pulsional, 1995, nº 78

REICH, W. **O assassinato de Cristo**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1987

REVOREDO, L. **Supervisão**: a questão da forma. Texto apresentado no Encontro do Centenário de W. Reich, SP, 1997. Disponível na biblioteca do IABSP

SAFRA, G. **Entrevista inicial**. DVD. Ed. Sobornost, 2004

STEIN, C. O psicanalista e seu ofício. In: **Sobre a prática das supervisões**. São Paulo: Ed. Escuta, 1988, capítulo 7,

VALABREGA, J.P. A análise quarta. In: **A supervisão na Psicanálise**. São Paulo: Ed. Escuta, 1992

ZALTZMAN, N. “Demanda de supervisão” e resistência à análise. In: **Supervisão na Psicanálise**. São Paulo: Ed. Escuta, 1992

---

**Luiza Revoredo/SP** - Psicóloga (PUC-SP/77), Psicoterapeuta Reichiana (SEDES/81) e Analista Bioenergética (SOBAB/IIBA/90). Local trainer do IABSP e professora do Cochicho das Águas. Trabalha em clínica com adolescentes, adultos, casais e supervisão



## **COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO**

7

REVOREDO, Luiza. O processo de supervisão: a construção conjunta da função psicoterapeuta. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

e se dedica à análise do movimento corporalista no Brasil e atualização teórico-técnica da Análise Bioenergética. Membro do grupo que promove as 3 BIOS.

**Email:** [luizarevoredouol.com.br](mailto:luizarevoredouol.com.br)